



A Livraria Pepysiana da Universidade de Cambridge

A cidade de Cambridge *Camboritum, Cantabrigia*), na Inglaterra, é a capital do condado do mesmo nome, não mui distante de Londres, e situada sobre o Cam (donde tira o nome: *Cambridge, ponte sobre o Cam.*)

Esta cidade é principalmente celebre, por ser o assento de uma Universidade, de muito antiga fundação, e ainda hoje muito respeitavel.

A nossa estampa representa o frontispicio do magestoso edificio da livraria da Universidade de Cambridge, conhecida pela denominação de *Bibliotheca Pepysiana*, em rasão de haver Samuel Pepys, secretario do Almirantado nos reinados de Carlos II e James II, deixado ao Collegio da Magdalena da mesma Universidade uma collecção preciosa de livros, de memorias navaes manuscriptas, de antigas poesias inglezas. — Esta bibliotheca é hoje uma das mais ricas da Euro-

pa, e maiormente preciosa pela collecção de manuscriptos raros.

E pois que fallamos de bibliothecas, diremos de passagem quaes são as que houve mais copiosas e ricas na antiguidade e na idade media, — e quaes as principaes dos tempos modernos. Assim avivamos a memoria dos leitores em um ponto de grande curiosidade. — Entre as mais ricas e famosas livrarias publicas da antiguidade avultam as seguintes: a dos Ptolomeus em Alexandria; a dos reis de Pergamo; e a fundada em Roma pelo imperador Trajano, á qual pôz o nome de Bibliotheca Ulpiana, do seu nome *Ulpianus*. — Na edade media avultaram as dos arabes, nos seus varios dominios da Asia, da Africa e da Hespanha, — e a imperial de Constantinopola. — Cumpre, porem, notar que de todas estas famosas collecções poucos volumes chegaram

até aos nossos tempos. — No periodo moderno sobresáem: na Italia, a bibliotheca do Vaticano em Roma, a Magliabechiana em Florença, a Ambrosiana em Milão, a de Bolonha, a da Universidade em Genova, e a de S. Marcos em Veneza; — em França, a Imperial em Pariz, e na mesma cidade a Mazarina, a do Arsenal, e a de Santa Geneveva, — e tambem tem nomeada as das cidades de Lyão e de Bordeus; — na Allemanha, as de Vienna, de Berlin, Dresda, Stuttgart, e Gottingen; — na Hollanda, as de Amsterdam e de Leyden; — na Russia, a de S. Petersburgo; — na Dinamarca, a de Copenhague; na Inglaterra, as de Oxford, Cambridg, do Museu Britanico, — a dos advogados em Edimburgo, e a do collegio da Trindade em Dublin; na Hespanha, a do Escurial, e a de Madrid; — em Portugal, a bibliotheca nacional de Lisboa, a da Universidade em Coimbra, e as do Porto e Evora. *

PORTUGAL CONTEMPORANEO AVALIADO POR UM VIAJANTE FRANCEZ

(Continuado de pag. 287)

Na margem direita do Tejo, á beira duma enseada immensa, esplendia o amphitheatro de Lisboa. As collinas pareciam vestidas de palacios, cujas columnas elegantes, brotando entre moitas de verdura e de flores, se reflectiam nas aguas. Nem uma nuvem só maculava o azul do céu. A que se entre-divisava; alem, num relance, entre duas collinas, mostrava-se o aqueducto das Aguas Livres; sobre uma rocha escarpada surgia a velha cidadella de S. Jorge; á medida que me aproximava os contornos tomavam relevo ou fugiam segundo os accidentes do terreno. Logo appareceram as arcadas graciosas da Praça do Commercio e o seu magestoso caes; vi José I que, de cima do seu cavallo, encarando o rio, parece fazer ao estrangeiro as honras da capital moderna construida pelo seu grande ministro Sebastião de Carvalho, marquez de Pombal, depois do terremoto de 1755 ter derrubado Lisboa. Esse Terreiro do Paço, ou Largo do Commercio, como lhe quizerem chamar, com os seus monumentos alinhados, os seus arcos de triumpho, (1) e a sua estatua equestre, produz um effeito duma incomparavel grandiosidade. Os portuguezes com justiça se ufamam desta praça, que seria o mais bello ornamento da mais esplendida capital. Em presença dos caes silenciosos, á vista das aguas ermas, evoca-se involuntariamente o passado, e tem-se pena de que já fugisse o tempo, em que se chegava á praia depois de se terem percorrido as ruas duma verdadeira cidade de navios, depois de se terem reconhecido os pavilhões dos mais distantes reinos, o tempo em que nas praças se cruzavam azafamados o negro africano, o indio, o marujo do Baltico, e o Levantino.

Antes de ter podido entender-me na confusão do desembarque, achei-me, graças a um obse-

(1) Vejam o effeito que faz o madeiramento do arco da rua Augusta! E nós a dizermos mal d'elle. Tão emmaranhado é aquelle poema de andaime que o viajante, ao vel-o, suppõe contemplar não só um arco, mas muitos arcos de triumpho! Nunca os teve senão de papelão a pobre praça do Commercio.

quioso guarda de alfandega, que se dignou dar-me *excellencia*, dentro duma carruagem da maior originalidade. Era uma especie de cabriolet cor de canario, (2) empoleirado em duas rodas, puchado por dois cavallos phantasticos, num dos quaes ia montado um bolieiro, cujas formas obesas se comprimiam á muito custo numa jaqueta curta; um chapéo impossivel, e umas botas de gendarme completavam o seu traje. Receei um momento que tal equipagem parecesse aos Lisbonenses demasiadamente excentrica. Esta machina, comtudo, com o seu estrondo de ferragem, não espantou pessoa alguma. Atravessei assim o bairro mais opulento, as ruas mais elegantes, a cidade nova, o Chiado: nem um dos raros transeuntes que, a essa hora do meio dia, passavam, escondidos debaixo do seu guarda sol, pareceu reparar no meu vehiculo ante-diluviano, apesar do contraste dessa velharia carnavalesca com as elegantes carruagens de praça que sulcavam, em torno de mim, as ruas de Lisboa.

II

Antes de entrar em Portugal, tinha eu lido tudo quanto se escrevera sobre este paiz, e arranjára desse modo um reinosinho constitucional de phantasia. Quando cheguei a Lisboa, apenas tomei um pequeno descanço, o meu primeiro cuidado foi procurar a cidade que eu devaneára, e, para melhor fixar as minhas idéas, abri um inoffensivo *guia do viajante*. Mas logo outras coisas occuparam os meus olhos e o meu pensamento. Captivava-me a novidade de tudo o que me rodeava; o aceio e os commodos do *Hotel de Italia*, (3) onde eu me fora estabelecer, causava-me um sentimento de bem-estar a que as hospedarias de Madrid me não tinham habituado. Devo dizer que as hospedarias portuguezes, contra o que geralmente se pensa, (4) são dum aceio que nada tem de peninsular. Balouçando-me numa poltrona de molas, via dum lado o movimento da multidão na praça do Loreto, emquanto do outro o meu olhar encontrava na enseada o triste *Vasco da Gama*, velha não desarvorada, que só lembra pelo nome o periodo glorioso da historia portugueza. Embebia-me nas minhas reflexões, quando um alegre repique de sino, brotando de todas as igrejas, que não são poucas, veio perturbar todas as minhas idéas. Lançando ao vento o meu *guia* e a minha erudição, embrenhei-me nas ruas de Lisboa.

Sai, guardando o nome da hospedaria e da praça em que ficava situado. A minha vadiagem podia tornar-se penosa se me entregasse ao reconhecimento de todas as ruas que vão colleando pelas sete collinas, porque a capital portugueza, como capital que presa a sua dignidade, está construida sobre sete collinas, á moda da velha Ro-

(2) Já é felicidade! Não havia, provavelmente, em Lisboa senão uma sege amarella, e foi logo essa a que competio ao nosso viajante! E o Gymnasio que julgára ter o monopolio das *carruagens amarellas*!

(3) Estava situado no palacio onde hoje é o Banco Ultramarino.

(4) Os francezes estão intimamente convencidos de que são elles o unico povo que se lava. Por isso, nada os espanta mais do que encontrarem aceio no estrangeiro.

ma. Diante de mim levantavam-se em ingremes ladeiras as ruas que formam a cidade alta; preferi descer para o rio, percorrendo os degrãos deste amphitheatro. A palavra degrãos vem aqui bem applicada e dá uma idéa exactissima duma disposição geral em que as escadas abundam. A cada passo uma igreja, um palacio me vinham lembrar que é Lisboa a capital dum povo que, noutra época, possuio as mais opulentas feitorias da India e da America. A cidade, edificada com uma especie de marmore grosseiro, conserva uma apparencia de extraordinaria novidade; o tempo não faz mais do que accentuar um pouco o roseo ou o alaranjado colorido dessa pedra, que não tarda a scintillar com reflexos luzentes. Descendo assim ao acaso, achei-me, de subito, no taboleiro da cidade nova.

Nas margens do Tejo, entre duas collinas, o marquez de Pombal, depois do tremor de terra de 1755, «enterrando os mortos e cuidando dos vivos» construiu uma cidade nova. Estabelecendo primeiro no sitio mais favoravel o Terreiro do Paço (*esplanade du palais*) dispoz, em torno dessa praça, os edificios destinados ás administrações publicas, e no meio desse rectangulo levantou a estatua do rei José I, seu amo. Estabelecido esse centro, largas ruas, direitas e bem niveladas dividiram o terreno em quarteirões, quasi exclusivamente occupados pelo commercio. A uniformidade macissa das construcções desta parte da cidade, não deixa de ter certa grandeza. Demais, respira-se um ar tão puro nessas vastas arterias, quando sopra a brisa, que se perdoa facilmente o seu capricho theatral ao grande marquez, como em Portugal lhe chamam. De quando em quando, para me guiar, interrogava qualquer sujeito que ia passando, e que, sem me perceber, me dava indicações que eu tambem não percebia; mas ia andando sempre. Foi assim que cheguei ao Rocio, grande e formosa praça rectangular, em cuja extremidade se divisa o theatro de D. Maria, cuja columnata jonica é do mais gracioso effeito. Emfim, subindo para o centro, reconheci o Chiado com as suas lojas sumptuosas, e a sua população de aristocraticos ociosos. Uma segunda excursão, tão aventureira como a primeira, conduzio-me, noutro dia, á cidade alta, a *Buenos-Ayres*, ao *Passeio da Estrella*, ao palacio das Necessidades onde residia a familia real. Subindo e descendo sem cessar, parei, emfim, diante duma especie de jardim em dois andares, cuja vegetação tropical parece espantada de se ver assim pendurada por cima dos telhados das casas, que se divisam em baixo, emquanto defronte se vê erguer-se, no cume do seu monte, a negra fortaleza de S. Jorge. Estava, em S. Pedro d'Alcantara, o jardim das entrevistas amorosas. Desta vez tive de recorrer a um gallego (*commissionaire espagnol*) para me ajudar a achar o caminho da hospedaria.

Em viagem, o acaso é sempre o melhor guia. No hotel, a que o acaso me levára, achei-me rodeado, logo no primeiro dia em que desci á sala de jantar, de portuguezes, de cuja conversação

não percebi palavra. A occasião era maravilhosa para me obrigar a aprender um idioma, que me estava sendo indispensavel. Já prestava um ouvido attento, quando, reconhecendo, não sei de que modo, a minha nacionalidade, todos esses convivas continuaram em francez a sua palestra. Acha-va-me, logo á primeira, em plena sociedade lisboense. Os homens reunidos em torno dessa meza, eram todos deputados, pares do reino, magistrados, officiaes e escriptores. O caracter dessa reunião não deixou de me surprehender. Não esperava ouvir em Lisboa a lingua franceza manejada de um modo tão gaulez, e não era, de certo, numa sala de hospedaria que eu me lembraria de procurar a flor da sociedade. Não era isso, contudo, um facto isolado, como depois pude reconhecer; o portuguez gosta da vida exterior; para dizermos a verdade, com um tal clima é bem pouco necessario o lar. O fidalgo mesmo desampara o seu palacio brazonado para vir, ás vezes, estabelecer-se num hotel; ahi recebe visitas, ahi contráe habitos; ahi o estrangeiro o encontra quasi em familia, discutindo os seus negocios. Receia-se ter-se vindo, por acaso, cair no meio duma reunião intima; repara-se que se é apenas mais um conviva. Durante o dia, toda essa gente se dispersa; uns consagram alguns instantes, o menos que podem, ás suas occupações; outros percorrem os grupos do Chiado, ouvem as noticias, a chronica escandalosa, e á tarde todos trazem o seu contingente de anedotas. Terminado o jantar accendem-se os charutos, e a palestra continua sobre o acontecimento do dia, sobre o livro da moda, para ir terminar, segundo a estação, no arvoredado do Passeio Publico, no theatro de S. Carlos, ou nos salões do *Gremio Litterario*, sempre hospitaleiros para o estrangeiro. Em toda a parte, para lhe excitar a veia, o portuguez encontrará as calidas bafagens da noite, o perfume das flores, a musica, e os olhos negros: os olhos negros, sobretudo, representam um grande papel em Lisboa. Se a mulher, com o talhe repleto, o rosto redondo, os labios grossos, o nariz longo, a tez morena e os cabellos fartos, mais ou menos enrespados, não é aqui um typo de bellaza incontestavel, devemos acrescentar que não ha mulher no mundo que possua os olhos brilhantes e languidos da portugueza em geral, e da lisboense em particular.

Nas nossas capitaes azafamadas, a mistura das classes é muito mais apparente do que real; nem com o visinho de largos annos se travam relações. Em Lisboa nunca pessoa alguma tem muito que fazer; o tempo é de pouco valor; toda a gente se conhece; o visinho, seja elle quem for, torna-se quasi um amigo; vive-se ao ar livre. O segredo não é facil com gente assim; por isso uma franca *bonhomia* é o caracter principal desta sociedade. Contudo, engana-se quem procura nessa confusão das classes e das gerarchias uma familiaridade vulgar. O estrangeiro, ignorando a lingua e os costumes, não vê nas designações frequentes de *excellencia* e de *senhoria* senão uma

especie de emphase pueril; essas expressões cor-tezes servem, na realidade, para substituir linhas de demarcação offensivas para as susceptibilida-des locaes. Esses costumes não se explicam bem claramente quando se nota a liberdade que a fam-ilia de Bragança conserva entre a multidão? Quantas vezes, nos passeios, vi eu el-rei D. Fer-nando, rodeado de seus filhos, sem se incommodar, e sem incommodar pessoa alguma, vir par-ticipar dos divertimentos do publico, mettendo-se nos grupos, e parando para fazer um elogio ou para dar um conselho ao artista ou ao escri-ptor! Aqui nada designa o principe, e, comtudo, no meio da turba fidalgos e negociantes sabem mostrar o respeito que devem ao soberano.

A vida portugueza, observada de perto, tem tres centros de acção principaes, tres metropoles que correspondem a differentes ordens de idéas. Lisboa é a politica, a litteratura; Coimbra o es-tudo; Porto o commercio. Aptidões e tendencias tão diversas, consagradas pelo tempo, deram a cada uma dessas cidades o seu typo caracteristi-co. Sem duvida, tudo isso se mistura de certo modo; Lisboa participa do movimento commer-cial, e o Porto entrega-se tambem á litteratura e á politica; todavia, o caracter particular é tão pronunciado que não é possível deixar de se re-conhecer.

Ainda mesmo que se pozesse de parte o pas-sado, Lisboa era a cidade mais propria para ser centro da acção politica em Portugal. Já não fal-lamos na sua situação geographica excepcional-mente favoravel. O *Alfacinha* (é assim que se designa o lisbonense por causa do seu gosto pela alface) o *alfacinha*, repito, é duma natureza bran-da, um tanto indolente e submissa; liberal por temperamento, as violentas idéas revolucionarias agitam-no pouco. Só uma vez, no dia 9 de se-tembro de 1836, tomou a iniciativa dum verda-deiro movimento; nas outras occasiões, a sua ef-fervescencia nunca se elevou acima das propor-ções duma *bernarda*, especie de motim, cuja soli-dariedade ninguem quer acceitar. Ora, nessas *ber-nardas*, os primeiros excessos serviam sempre de calmantes, e se o sangue corria no meio dessas lu-cas, em que se debatiam os destinos do paiz, a opi-nião publica empregava-se logo em acalmar os odios. Enquanto, em circumstancias analogas, a Hespa-nha offerece o exemplo de sanguinolentas execu-ções, as praças da capital portugueza não tem visto erguer-se uma só vez, de 1834 em diante, o patibulo politico.

Vejam o que se passa, nos periodos mais tor-mentosos que este reino tem atravessado, logo que se acalma a primeira agitação, por exemplo, no dia seguinte ao da revolução de setembro de 1836. No meio dessas procellas, num bairro de Lisboa, abrija-se um club, o club dos *Camillos*. Alli se encontravam os elementos mais fogosos da capital. José Estevão Coelho de Magalhães, joven deputado (tinha então 28 annos) que dominava a multidão, fazia parte dessa assembléa. Um dia entra na sala, no momento em que um desses

energumenos que apparecem em todos os paizes, protesta brandindo um punhal que é tempo de se livrar o povo da tyrannia da rainha. Indigna-do com esta linguagem, o joven tribuno corre ao orador, e arranca-o da tribuna, arrojando-lhe es-tas palavras: «Cala-te, miseravel! Se nesta casa os teus brados infames acordassem algum ecco, separar-me-hia eu para sempre duma turba de assassinos.» Eis o tribuno portuguez que a multi-dão applaudia; mas, se na sala de S. Bento, on-de se reúnem os deputados, os tímidos procuram legitimar as suas repressões evocando os phantas-mas de Robespierre e de Marat... «Quem falla de Robespierre e Marat em Portugal? responde elle: debaixo do nosso céu não brotam esses monstros.» Eis o deputado liberal e o verdadeiro interprete dos costumes politicos dos seus concidadãos. Esse genio lisbonense, brando e conciliador, parece que, muito tempo, não foi comprehendido pelo poder. De 1838 a 1851 a compressão responde aos seus inoffensivos motejos; as revoltas haviam-no tornado zombeteiro. Uma especie de *gamin* de Lisboa, o *gaiato*, nascido de todas estas convul-sões, abafou debaixo do ridiculo todos os minist-erios que a influencia estrangeira fazia desabro-char em certa época sem lhes dar força real. Na-da pinta melhor o *humour* que eu mencionei, do que uma carta satyrica, escripta por um desses mofadores ao seu compadre do Porto: descreve o trajo dum ministerio recém-nascido, quando vae, numa cerimonia burlesca, receber o baptismo po-litico: «Cobre-o um vestido de setim da Alle-manha de côr de *reacção*, um cinto de taffetà *Mor-ning-Chronicle* com franjas de discursos de Brou-gham; na cabeça tem uma touca de bullas pon-tificaes forrada de canones ultramontanos, e bor-dada com uma lei sobre liberdade de imprensa cortada em tiras estreitas; as meias francezas são da ultima moda... Ahi vem a ama da creança. É uma senhora velha, magra, descorada e um pouco enxo-valhada, dona Fazenda Publica; mas não tenham receio; apesar de arruinada, é boa ama de leite; amamentou já tantos desses filhos que um guapo lord inglez, grande namorador, espalha pelo mun-do!...» Tal era o modo como se vingava o lisbonen-se dos seus governantes, que pretendiam conser-va-lo debaixo de tutela; mas se o paiz recupera a liberdade, a zombaria desaparece logo, acalmam-se as iras, e a realza obtem de novo a sua popu-laridade, que por instantes perigara.

(Continua)

M. PINHEIRO CHAGAS

A COROAÇÃO DE HENRIQUE IV DE INGLATERRA

Henrique IV de Inglaterra, appellidado Bolin-gbroke, filho mais velho de João de Gand, du-que de Lancaster, quarto filho de Eduardo III, nasceu em Bolingbroke no Lincolnshire em 1366, e recebeu o titulo de duque de Lancaster, por morte de seu pae, a 3 de fevereiro de 1399. Come-çou a reinar a 20 de dezembro deste ultimo an-no, depois da deposição de Ricardo II; sendo que a corôa pertencia a Edmundo de Mortimer, du-que de Clarence, neto de Eduardo III. — Desde então dividio-se a Inglaterra entre a casa de



A coroação de Henrique IV de Inglaterra

York e a de Lancaster, — e tal foi a origem das dissensões da *Rosa branca* e da *Rosa encarnada*. — O usurpador morreu a 20 de março de 1413, na idade de 46 annos. Refere-se que na sua ultima doença, que durou dois mezes, quiz ter sempre á cabeceira do leito a corôa, dominado pelo receio de que lha roubassem.

Não entra no plano desta breve noticia particularisar as guerras e outros acontecimentos deste reinado. Para o nosso caso basta-nos explicar a estampa que temos á vista. — Representa ella, segundo a narração do chronista francez Froissart, o acto em que Henrique IV de Inglaterra está sendo coroado na igreja de Westminster. O rei está no altar-mór, e alli dois arcebispos e dez bispos assistem á cerimonia da sagração.

Depois de o haverem despojado das vestes reaes, e ungido na cabeça, no peito, nas duas espaldas, e nas mãos, vestiram-no com hábitos prelatícios, e sobre estes pozeram uma capa de aspergês de seda escarlate; — não faltando as esporas sem rosetas nas botas de veludo. Desembainharam a espada da justiça, que o réo tornou a embainhar; e logo depois lhe pozeram na cabeça a corôa de Santo Eduardo; cantando o clero, durante a cerimonia os canticos adequados. Acabada a cerimonia voltou o rei ao palacio, com o mesmo apparato com que tinha vindo, por entre a multidão que atroava os ares com acclamações, nunca recusadas aos usurpadores felizes.

É justo declarar que este rei, recorrendo por

vezes ao parlamento, deu occasião a que adquirisse importancia e poder a Camara dos Comuns. O mesmo pôde dizer-se dos outros príncipes da Casa de Lancaster.

BEATRIZ

Scenas da vida íntima dos Açores no seculo XVIII

(Continuado de pag. 290)

XIII

Ao sr. Hikling não escaparam os movimentos da formosa menina, e por isso, quando elle foi para casa com o General, lhe disse:

— Sabe que mais? Fiz uma descoberta.

— Qual meu amigo? replicou o General.

— A de uma affeição íntima.

— Descobrio v. ex.^a um thesouro raro, mais raro ainda do que um brilhante.

— Descobri uma cousa naturalissima. A morgada de Lencastro ama o conde de Altamira, tem por elle um sentimento, que, por certo, muitos dos primos não estariam no caso de despertar.

— Obrigado, meu amigo, então v. ex.^a entende que um dos meus primos, que são os de Beatriz, não podem despertar um sentimento numa filha da sua patria? Com que então Deus creou aqui as nossas irmãs e filhas para amarem sómente algum ideologo allemão, que por ahi passe? Realmente valia bem a pena dar-lhe coração, cujas flôres só se abrissem para esses forasteiros de além Rheno!

— Perdão, General, não se offenda v. ex.^a Eu creio que, se todos os seus primos fossem como v. ex.^a e como muitos delles são, ninguem lhes poderia pleitear sentimentos do coração, mas alguns delles..., por exemplo os Maldonados...

— Agradeço-lhe o cumprimento que lhe dictou a amizade. Eu, porém, não me doia do seu juizo por mim, que sou velho; mas involuntariamente pesava-me vêr pôr em pouco todos os meus. Reconheço, todavia, que v. ex.^a, em parte, tem razão; pois ha por ahi bastantes peralvilhos, que nem pintados eu quereria, se fosse mulher. Comtudo, alguns delles possuem os elementos necessários para se civilisarem. Dêem-lhe luz e verão como delles brotam flôres viçosas. É que os espiritos desta terra são quasi todos indolentes, mas encerram riquezas naturaes como o seu solo abençoado. Em quanto elle ahi esteve por desbravar e assombrado pelas plantas silvestres que fructos se colheram delle? Mal, porém, nossos avós largaram o leme de seus galeões, em que se ião a descobrir mundo e as espadas de guerreiros, com que lidavam pela fé de Christo e tomaram mão do arado, a fim de sulcarem os campos da patria, para logo germinarem, floresceram e fructearam essas arvores tão frondosas.

— No entretanto, meu amigo, sempre é certo que o conde era um excellente casamento para Beatriz, que, difficilmente, depararia com marido de iguaes quilates.

— Mas, de certo, replicou o general, por que os homens do nascimento e elevação moral do conde são raros em toda a parte.

— Maravilha-me realmente essa sua opinião! pois v. ex.^a já se reconciliou com a ideologia de D. Fernando!

— É verdade que tem essa mania bem pronunciada e que é taciturno, como uma ave de

mau agouro, mas ainda assim, sobejam-lhe qualidades mui singulares. Dias antes d'elle deixar o valle, entrei em casa da velhinha dos banhos ferreos, que vi louca de contente. Admirei-me de tamanho jubilo em idade tão de pesares e perguntei-lhe pelo motivo da sua alegria. Respondeu-me que um senhor estrangeiro lhe salvara a neta. Como assim! notei eu, surpreendido pela cura milagrosa. Maria, me tornou a velha, finava-se dessa doença maldita, que a tomou. O sr. conde, porém, salvou-a e com uma caridade... Esteve comigo e vio a minha neta, informou-se dos seus padecimentos e como ella lh'os contasse, accrescentando que se temia a morte era por me deixar só no mundo, arrasaram-se-lhe os olhos de lagrimas e, ao sair da minha choupana, deixou-me uma somma avultada, que será o dote da minha neta; porque, ajuntou ella, muito baixo, levando-me para a porta: Maria morria de mal de amores e ha de viver, logo que se case. Hontem, quando lhe fallei nisso, as faces pallidas fizeram-se cor de rosa e aquelles olhos castanhos, tão formosos e agora tão amortecidos, ficaram mais vivos e luminosos do que nunca. A pobre velha não se lembrava que o ultimo bruxolear da lampada é que dá o clarão mais vivo. A velhice ainda lhe permite ter illusões.

— Estimo que o meu amigo tivesse essa occasião de se reconciliar com o conde, que merece a amizade de um bravo como v. ex.^a e com a ideologia, que dá almas grandes, poeticas e generosas como a delle.

— Com o conde reconciliado estou, mas com a ideologia, essa sciencia de argucias, subtilezas e cavilações; não: que lhe jurei guerra de morte, desde que, ao fazer exame de logica, queimei os ultimos compendios, com que me torturaram a memoria. Da ideologia brotar poesia ou amor!! Para ideologos espiritos não é a caridade, flôr da alma, que só nasce em coração aberto para o sentimento. Eu, sr. Consul, ia apostar em como em Allemanha, quando o tal conde se dava a esse estudo, não praticava acções daquellas, que só o amor da mulher, da gloria ou de Deus pôde inspirar. Agora é que eu lhe digo que sympathiso com elle; por que as nossas almas tem sentimentos identicos, que as enlaçam.

XIV

No A..., onde o conde estava, chegaram-lhe novas de Allemanha, que a condessa de Altamira era morta. D. Fernando soffreu bastante ao recordar-se que as encantadoras fórmas daquela mulher, que elle idolatrara, se haviam dissipado como as illusões que ella lhe levantara n'alma. Comtudo, não o mordiam remorsos de a ter abandonado; que obrara elle como lhe dictara a sua consciencia e os actos que della nascem não a ferem jámais.

Nos dias que se seguiram após a noticia da morte da condessa esteve o conde encerrado em casa. Tristes lhe correram esses primeiros dias. A dôr, porém, que não nasce do intimo da alma, depressa se serena. Para ella a acção do tempo é balsamo, cujos effeitos beneficos se revelam facilmente. A tristeza, que lhe abateu o espirito e o deixou prostrado, succedeu a melancolia, sentimento suave, que leva a alma para a poesia e para os doces enlevos dos sonhos magicos da esperanza.

XV

Era sobre a tarde. Os ultimos raios do astro do dia beijavam os risonhos campos das Furnas, dourando suas virentes searas. Brancas nuvens corriam impelidas por suaves brisas, toldando de espaços a espaços a pureza do céu. Do seio da natureza se exhalavam perfumes e fragranças.

A essa hora, em que é estylo percorrer os mais bellos sitios do valle, um grupo de senhoras e cavalheiros se achava sobre a ponte de..., enlevados pela vista do sitio e pelos murmúrios da corrente. Beatriz, sentada numa das extremidades da ponte, parecia esperar alguém, tanta era a attenção com que mirava os mais longinquos viandantes. Fatigada, porém, de tanto attender debalde aos mais leves sons, deixara pender a fronte sobre a mão direita e estava como entregue a um profundo scismar, quando um tremor rapido a abalou, tirando-a daquelle estado de distracção, para levantar os olhos sobre D. Fernando, que acabara de acercar-se della. Dir-se-ia que D. Fernando, por um mysterioso influxo electrico, agitara Beatriz, ou que o amor lhe dera o presentimento de o ter junto de si.

D. Fernando acabara de chegar e de complimentar todas as pessoas, que se encontravam naquelle sitio. Só lhe faltava fallar a Beatriz. Mal a saudara, porém, tornara-se silencioso, sem, todavia, se afastar della. Uma influencia magnetica prendia-o a Beatriz. Ir para longe della ou dizer-lhe uma unica palavra era-lhe igualmente impossivel. Neste estado de embarço só os olhos de ambos tinham uma linguagem mui expressiva. Nos de D. Fernando lia-se um desejo ardente de se confundirem com os de Beatriz, nos desta um sentimento intimo de ver a melancolia que se espelhava no rosto de D. Fernando.

Mal D. Fernando se aproximara de Beatriz, o rancho que estava na ponte levantou-se. A lua começara a pratear o campo das Furnas e a reflectir-se nas largas folhas dos inhames que cobrem as ribeiras. Com o murmurar das aguas se harmonisavam as vozes sonoras de muitas damas e os sons de alguns instrumentos. A suave harmonia da musica convidava todos a olvidarem as prosas da realidade e a entregarem-se a meigos sonhos. Beatriz e D. Fernando, pois, achavam-se esquecidos dos seus companheiros que seguiam a distancia.

O silencio continuou por algum tempo entre ambos. Passado, porém, o primeiro enleio, Beatriz, que via o conde de luto, balbuciou as seguintes palavras:

— V. ex.^a perdeu alguém que lhe era mui cara?

D. Fernando, ao ouvir essas palavras de Beatriz, sentio filtrar-se lhe no coração uma doce e suave commoção e respondeu-lhe:

— Perdi, sim, uma pessoa, que me era mui cara; mas essas palavras de v. ex.^a fizeram-me tanto bem que, neste instante, esqueci todas as magoas da minha vida.

D. Fernando instinctivamente occultou a Beatriz as relações que tinha com a pessoa que perdera.

— Oh como eu quizera que isso fosse verdade,

tornou Beatriz, com a franqueza da innocencia e depois, reflectindo, accrescentou:

— Mas que muitas magoas pôde v. ex.^a ter?

Beatriz ficara anciosa, desde o baile do sr. Hiking, para conhecer a causa mysteriosa, que melancolisava o conde.

— Que muitas magoas posso eu soffrer? pergunta v. ex.^a!! Julga, por ventura, a sr.^a D. Beatriz que não sou susceptivel de as ter? O meu coração de homem do norte parece-lhe de gelo como a temperatura da minha patria?

— Não, sr. conde, eu creio que v. ex.^a é cavalheiro, cujo coração vale tanto como a intelligencia. Boas provas tenho já da sua extrema bondade: comtudo cuidava eu que na sua idade, com a sua riqueza e nascimento se devia ser sempre feliz.

— Então muito feliz é, por certo, a sr.^a D. Beatriz, que em nascimento me é igual e em teres me leva a palma e está na quadra da vida em que tudo são sorrisos.

— Em nascimento, sr. conde, respondeu muito depressa Beatriz, somos iguaes aos olhos de v. ex.^a, que são os de uma alma nobre, superior ás vãs considerações de jerarchias sociaes; mas, aos do mundo, queira v. ex.^a perdoar que lhe lembre que ha alguma differença entre nós. V. ex.^a é filho de uma antiga e nobre familia de grandes de Hespanha e eu sou-o de uma casa de cavalheiros de sangue illustre, é verdade, mas, que não passam de simples fidalgotes de provincia. Comtudo, não cuide v. ex.^a que, com essa reflexão, quero dizer que a felicidade está na fidalguia. A felicidade é dama n ui alliva, para se dobrar a caprichos de fidalgos ou ricos senhores. Ella é como os homens de bem, respeitam tão sómente a virtude.

O coração de Beatriz dictara-lhe esse pensamento de Malherbes. Ella, porém, mais feliz do que o grande philosopho, não carecia de curvar o corpo ante os grandes do mundo e fazer zumbaias a villões e tartufos enroupados com arminhos, respeitando só a virtude no sacrario da sua alma e reservando-lhe ahi o mais vivo culto interno.

Quando Beatriz acabara de proferir essas ultimas palavras, os seus companheiros de passeio chegavam a casa de sua mãe, onde se faziam longas e interminaveis despedidas com beijos de Judas. Em quanto as senhoras estavam com a attenção presa pelos insipidos cumprimentos, o conde e Beatriz chegaram junto dellas, sem que a sua ausencia se tivesse notado em extremo.

Palavras magicas foram essas de Beatriz. É que a verdade soltando-se de uns labios formosos tem tamanho poder que não ha ahi no mundo inteiro força que a possa contrastar. Kant com toda a eloquencia do seu genio, inspirado pelo amor do bem, não fizera, jámais, calar tanto no intimo d'alma do conde essa verdade, de que elle foi eloquentissimo propugnador nos seus escriptos sobre a rasão pratica, como Beatriz num só instante, com phrases breves, mas sentidas e repassadas de um sentimento moral mui intimo.

Para o conde Beatriz já não era só uma mulher, em cujas feições elle achava encarnado o seu typo do bello ideal; era mais do que isso; era a viva imagem, da mais alta philosophia, revelando-lhe a verdade e levantando a sua alma para as mais elevadas regiões do mundo moral.

O espirito de Beatriz descortinava-se-lhe ante os olhos da imaginação de D. Fernando, como devia patentear-se sempre o de todas as mulheres, que aspiram a grangear para si as nobres sympathias de uma alma poetica.

Representava-se-lhe como uma nova revelação das mais santas doutrinas christãs, bebidas no berço pelos desvelos de sua mãe, e o amor da mulher, para ser grande e receber o cunho de eterno, deve levar-nos a descobrir mais vastos horisontes no mundo moral.

(Continua)

VICENTE MACHADO DE FARIA E MAIA.

LEMBRAS-TE ?

A. A. T. C. M.

Lembras-te, hontem, quando o sol,
Ao esconder-se no horisonte,
Rompeu os vidros da igreja
E veio beijar-te a fronte?...

Ai! mal sabes a tortura,
Que a meu peito foi causar...
Tive ciumes, ó querida,
De o não poder imitar!...

Mas, vendo tu em meu rosto,
O signal do meu soffrer,
Pressurosa abriste o leque,
E a face foste esconder.

Oh! bem hajas que fizeste
Uma acção de caridade,
Mostrando mais uma vez
A tua extrema bondade.

Depois, o sol, despeitado,
Envergonhou-se, e fugio,
E a tua boca graciosa
Num sorrir se desfranzió.

Junho 14 de 1867.

H. Z. A.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

De la régénération physique de l'espèce humaine par l'hygiène de la famille... par le professeur J. B. Fonssagrives. Montpellier. Paris. 1867.

Tomo nota deste opusculo de 40 paginas, in 4.º, publicado no corrente anno em França, por quanto se occupa de um assumpto muito importante, qual é o da regeneração physica da especie humana por meio da hygiene da familia, e particularmente do papel que a mãe deve representar na educação physica das creanças.

Trata-se de uma conferencia que o professor Fonssagrives fez em Montpellier no dia 23 de fevereiro do corrente anno de 1867, com o fim de demonstrar: 1.º que, se as sociedades modernas estão molestadas por uma surda indisposição moral, também estão enfermas e teem o cunho de uma debilidade que vae crescendo; 2.º que os interesses da hygiene teem mui pequeno logar nas precauções das familias, — do que procede a degeneração da especie humana, e nesse terreno deve também buscar-se a regeneração, e não em outro; 3.º que ás mães incumbe meditar sobre a importancia dos altos deveres, que a natureza lhes impõe, de trabalharem na grande obra da educação, que ha de e deve dar ás familias e ao paiz homens — vigo-

rosos de corpo, rectos de coração, e são de espirito.

Que estamos vendo hoje?... A saude decrece de dia em dia; a estatura encurta-se; o vigor decrece; a resistencia vital torna-se fraca; a humanidade mudou de temperamento, e nada lucrou com a mudança. Outrora supportava a humanidade sem custo a diéta e as sangrias; hoje, irritavel, nervosa, descorada, sómente se conserva em pé por meio dos calmantes e dos tonicos; a onda da alienação mental vae subindo sempre; e até a harmonia das fórmas e a pureza das linhas — no rosto da creatura humana — vae desapparecendo.

É pois indispensavel que uma grande revolução se opere na educação physica do homem; e ás mães cabe uma grande parte de trabalho neste santo empenho, cumprindo-lhes iniciarem-se na arte de educar os filhos, — arte que não demanda sómente a ternura, mas principalmente um estudo e conhecimento profundo do systema que deve seguir-se, para que os órgãos corporeos, que mais tarde hão de estar ao serviço da intelligencia, sejam robustos, vigorosos, e perfeitamente são. Ar, luz, aceio, liberdade de movimento, exercicios gymnasticos... tudo dever ser empregado para que o corpo humano seja um instrumento perfeito das determinações de uma bella alma.

Mas a instrução... A seu tempo virá ella; nem convem que neste ponto haja demasiada pressa. — «A criança, diz o professor Fonssagrives, começa a trabalhar (intellectualmente) muito antes do tempo, mal, e em ruins condições hygienicas. O antecipado e afanoso trabalho do cerebro esgota a geração actual, e vae creando para a que se lhe hade seguir o germen de irremediavel debilidade.» —

Ainda depois de chegar a sazão propria dos estudos hade ser necessario reformar o systema actual, no que toca ao numero de horas do trabalho intellectual, á conveniencia de passeios ao ar livre, á conveniencia de exercicios gymnasticos.

Prouvera a Deus que as mães todas podessem ler o opusculo, de que damos noticia, e bem se penetrassem do muito que pódem contribuir para que todos os individuos da especie humana preencham o grande desideratum da sabedoria antiga: *a mente sã em um corpo são!*

Lisboa, 1 de Agosto de 1867.

JOSE SILVESTRE RIBEIRO.

O antigo editor do **Panorama**, desejando proporcionar aos actuaes srs. assignantes, e mesmo a quaesquer outras pessoas que o não sejam, a maneira de poderem possuir, sem grande sacrificio a colleção completa deste interessante jornal, que conta hoje **15 volumes** publicados, deliberou, para esse fim, abrir nova assignatura, não alterando o preço que teve a antiga, sendo o custo de cada volume broxado 1300 réis, e encadernado 1600 réis, isto unicamente para aquelles que se inscreverem como assignantes. As pessoas que assignarem para esta obra receberão um ou mais volumes cada mez, conforme melhor lhes convier, sendo o importe dos mesmos pago no acto da entrega. E as que tenham a colleção do **Panorama** incompleta, podem da mesma forma assignar para os volumes que lhes faltarem, bem como para qualquer numero que lhes faltar.

As assignaturas fazem-se nos seguintes locais:
Rua Aurea n.º 132 e 134; na redacção do PANORAMA, rua do Thesouro Velho n.º 6; e em todas as mais livrarias.

De quaesquer outras terras do reino podem dirigir-se, em carta franca, com o importe da assignatura em valles do correio, ao antigo editor, rua Aurea n.º 132, accrescêndo ao preço da assignatura, o porte do correio que é de 250 para os volumes em broxura e 310 réis para os encadernados.

Em Coimbra, Porto, Braga e Vianna, em todas as mais.

Typ. Franco Portugueza — Rua do Thesouro Velho, 6.